SUJEITOS INDETERMINADOS EM PE E PB

Maria Eugenia Lamoglia Duarte (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Mary A. Kato (Universidade Estadual de Campinas)
Pilar Barbosa (Universidade do Minho)

ABSTRACT:
This study describes Europen (EP) an Brazilian Portuguese(BP) indefinite subjects. EP prefers the "se"constructions, with and without agreement, while BP tends to use both the overt personal pronouns (você, a gente) and the "se"construction without agreement. The differences are attributed to the on-going loss of the null subject , and of clitics.

PALAVRAS-CHAVE:
European Portuguese Brazilian Portuguese Indefinite subjects "se"

1. Introdução

No trabalho comparativo sobre sujeitos, Barbosa, Kato e Duarte (2000) mostraram que o PB, ao contrário do PE, apresenta evidências, mesmo na escrita, da perda do sujeito nulo referencial, fenômeno estudado numa perspectiva diacrônica por Duarte (1993, 1995).

Galves (1987), por sua vez, foi a primeira a notar que o PB apresenta um sujeito nulo peculiar, indeterminado, ao mesmo tempo em que tende a apresentar o sujeito referencial expresso.

(1) a. No Brasil, não Ø usa mais saia.
b. A Maria$_i$ disse que ela$_i$ não usa mais saia.

Estudos recentes (Kato & Tarallo 1986, Duarte 1995) chamam, entretanto, a atenção para o fato de que, o PB falado atual usa, além do sujeito nulo do tipo em (1), formas pronominais nominativas (expressas ou nulas) para a representação de sujeitos

indefinidos (ou indeterminados), enquanto o PE privilegia as construções com **se** para expressar a indeterminação do sujeito. Os autores atribuem o fenômeno à mesma mudança da perda do sujeito nulo.

(2) a. "Então ∅ chega numa rua, não é, a rua é grande."

b."Depois que *você* termina o comércio, *você* vai na área residencial."

c."Em primeiro lugar *nós* temos identificado claramente uma nova consciência crítica da classe média".

d. "E se *a gente* falar que não tem?"

e. E se *eu* pego aquela rua ali, então *eu* chego mais rápido".

(Kato e Tarallo 1986: 347)

São as seguintes as questões que o presente trabalho pretende investigar:

a)que recursos as duas variedades do português usam para a indeterminação do sujeito na escrita, que é sabidamente mais conservadora que a fala?

b)caso a análise acuse diferenças nas formas de indeterminação nas duas variedades, que explicação pode se dar a elas? As diferenças, se encontradas, podem ser atribuídas a diferenças na gramática ou às normas (regras arbitrárias) vigentes nos dois países*?*

2. As construções pronominais nominativas e o sujeito nulo indeterminado

2.1 Na fala

Duarte (1995, 2000) liga o aparecimento das construções pronominais nominativas a uma mudança mais geral no PB -- a perda do sujeito nulo – mudança esta que se iniciou com os sujeitos referenciais de primeira e segunda pessoa. A autora mostra, com dados da fala, que também no contexto de sujeitos indefinidos/arbitrários, o PB preenche mais o sujeito, fazendo grande uso de construções pessoais com ´você" e "a gente". Estudando as estratégias de indeterminação no PB e no PE, mostra que, no que se refere ao PE, o uso de "se" se confirma como a estratégia preferida (38%), enquanto o uso de "você" (6%) se apresenta como a estratégia menos usada. No PB, ao contrário, "você" é a forma preferida (44%), seguida pelo sujeito nulo (17%), terceira pessoa do plural (16%) e "a gente" (13%). As formas "se" (8%) e "nós" (2%) ficam restritas à fala de informantes mais velhos com escolaridade alta.

2.2. Nas entrevistas transcritas em jornais e revistas

Para a análise dos sujeitos indeterminados foram utilizadas entrevistas transcritas em revistas e jornais brasileiros e portugueses.

2.2.1. As sentenças finitas

Com base nos resultados resumidos em 2.1, a hipótese era que os sujeitos indeterminados no PB tenderiam a ser pronominais plenos e os do PE nulos, com preferência pelo uso de "se" indeterminador/apassivador.

Foram excluídas as indeterminações com verbos na terceira pessoa do plural, tanto pela sua baixa ocorrência quanto pela especificidade no uso dessa estratégia, que em geral exclui o falante:

(3) Mas estou convencida que se **cv** puserem o meu programa com outro do tipo xixi-cocó,as pessoas escolhem este último. (PE)

Vejam-se os resultados na tabela 1:

Estratégia	Se	nós	a gente	você	nulo	Total
Variedade	N / %	N / %	N / %	N / %	N / %	
PE	83 (**83**)	16 (16)	1 (1)	-	-	100 (100%)
PB	23 (**24**)	5 (5)	21 (**22**)	38 (**40**)	9 (9)	96 (100%)

Tabela 1. Formas de indeterminação em sentenças finitas em PE e PB.

Como se esperava, os resultados mostram que no PE as construções com "se" são indubitavelmente a forma preferida para representar os sujeitos indefinidos (83%), seguida de longe por "nós", sempre não expresso. Quanto ao PB, por outro lado, confirma-se a preferência por "você", seguido de "se" e "a gente" em índices quase iguais. Note-se que as formas pronominais são predominantemente expressas, confirmando a mudança observada em relação aos sujeitos de referência definida.

(4) Se *você* continua com espaço para poder interferir, aí *você* não vai para casa, não fecha o botequim não. (PB)

A ocorrência do sujeito nulo pode ser vista em (5):

(5) Ø Tem que pegar o leitor na primeira linha. Não adianta querer brigar com ele. Ø Tem que mirar antes. (PB)

2.2.2 As sentenças infinitivas

As construções com infinitivo de sujeito [+arb] em geral têm essa posição vazia, esteja o infinitivo precedido ou não de preposição:

(6) O que estava em vista era [Ø preparar os povos para a autodeterminação]. (PE)

(7) Os cariocas vão querer me matar, mas lá em São Paulo (...) tem lugar [pra Ø tocar], lugar [pra ensinar as crianças]... (PB)

Nas duas amostras analisadas (entrevistas em jornais e revistas), porém, cerca de 10% apresentam um elemento na posição de sujeito, como mostra a tabela a seguir:

Sujeito	Nulo	se	você	Total
PE	82 (89%)	10 (11%)	-	92 (100%)
PB	75 (91%)	05 (6%)	02 (3%)	82 (100%)

Tabela 2. Formas de indeterminação em sentenças infinitivas em PE e PB.

Observe-se a semelhança no que se refere à ocorrência de sujeito nulo. Quanto ao aparecimento de 'se', ele parece estar se inserindo no sistema a partir de contextos regidos de preposição: das 10 ocorrências no PE, 9 estão em orações regidas de preposição (6 com a preposição 'para' e 3 com a preposição 'de', nas funções de adverbiais, relativas e completivas de nome, adjetivo e verbo) e apenas uma em oração não preposicionada:

(8) Como é um pouco exagero, designadamente no PCP, [pensar-**se**] que nos sectores intelectuais as conversas são mais simpáticas. (PE)

Veja-se nos exemplos a seguir a variação observada no aparecimento de 'se' tanto em PE quanto em PB:

(9) Os médicos receitam Prozac [para Ø atingir a felicidade] e o Viagra [para **se** ter potência sexual]. (PB)

(10) Mas [para **se** usar o preto] (...) as fábricas de pigmentos tiveram que produzir o preto em barda. (...) [Para Ø ter a adesão total da imprensa] há muito trabalho por trás. (PE)

Finalmente, destaquem-se no PB as 2 ocorrências de 'você' na posição de sujeito de infinitivo, um fenômeno já observado por Cavalcante (1999):

(11) Você esquece como é legal [**você** ligar uma rádio e ter alternativas]. (PB)

(12) É até um clichê no rock'n'roll [**você** não precisar ler (partituras musicais)] (PB)

Em resumo, PB e PE se distinguem na representação dos sujeitos indeterminados em sentenças finitas, com aquele preferindo formas pronominais nominativas enquanto este prefere o uso de "se". Nas sentenças infinitivas, ambas as variedades preferem o sujeito nulo, com o "se" aparecendo em cerca de 10% das sentenças. A diferença está no fato de que o PB já começa a usar "você" em substituição ao "se".

3. A variação nas construções com "se"

3.1. Estudos diacrônicos do PB

Evidências diacrônicas (Nunes 1990) mostram que o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) contam historicamente com dois tipos de construções com **se** para a indeterminação do agente, como se vê em (13) e (14):

(13) Vendem-se casas.

(14) Vende-se casas.

A segunda , denominada impessoal (ou de *se*-indeterminador) é, segundo Naro (1976), diacronicamente posterior à primeira, denominada passiva pronominal, e começa a aparecer no século XVI. Segundo este autor (apud Nunes 1990), a construção "impessoal " surgiu da passiva pronominal, sem a concordância, e começa a suplantar no PB a passiva com concordância a partir do século XIX. Segundo Nunes (1990), data igualmente do mesmo período o aparecimento no PB de estruturas sem o **se**, como em (15)[1]:

---

[1] Nunes (1995) mostra que a supressão do **se** atinge outros domínios como, por exemplo, -**se** ergativo:

"Um super reformista leva tempo para *esquecer* de hábitos tão arraigados. (Nunes p.233)

-**se** reflexivo

"[Ele] ∅sentara na cadeira de presidente." (Nunes, p. 233)

(15) Vende casas.

A possibilidade de construções de sujeito nulo sem o **se** pode ser atribuída ao fato da perda em curso dos clíticos no PB (Tarallo 1983, Nunes 1990, Kato 1993 e Cyrino 1994) e ao fato da concordância de terceira pessoa singular ser ainda pronominal, licenciando no PB os nulos destituídos de traços de referencialidade. (Kato 1999a).

No PE atual, porém, segundo Nunes (op.cit.) e Duarte (2000), a passiva com concordância é ainda a forma preferida de indeterminação.

Com base nos achados de Nunes (1990), a hipótese é de que as construções com **se** no PE serão basicamente as com concordância e as brasileiras sem concordância ou até mesmo com o **se** nulo. Veremos como a variação se manifestou em gêneros diferentes, a saber:

a) a entrevista, que se aproxima da língua oral, b) as receitas de cozinha, tradicionalmente um discurso diretivo que usava a construção com **se** e c) cartas de leitores de jornal, dos três o mais formal.

3.2. A variação das formas com "se" na escrita contemporânea do PE e do PB

Nas entrevistas do PE, entre as construções com **se**+ verbo transitivo direto, dez exibiam o argumento interno no plural e a concordância com ele é quase categórica (cf. ex. 16), exceto por uma ocorrência com **se** indeterminador (cf. ex. 17). Nas entrevistas do PB, As duas únicas ocorrências com argumento interno no plural mantêm o verbo no singular (ex. (18):

(16) (...) e eu já fiz parte de vários júris em que *se* dão prêmios por simpatia. (PE)

(17) Eu aprendi a fazer o sulfato de cobre com que *se* sulfatava as vinhas (PE)

(18) Nem nas quadras de escola de samba do passado *se* fazia rodas de partido alto. (PB)

Nas receitas de cozinha do PE, num total de 60, 16 usam a construção com se com concordância, (exemplo 19), 36 usam o imperativo (exemplo 20) e uma receita usa o infinitivo (exemplo 21).

(19) **Limpam-se as cebolas** e cortam-se às rodelas não muito finas, limpam-se os pimentos das sementes e cortam-se também os tomates às rodelas.....(PE)

(20) **Coza** os espargos em água temperada com sal. Quando bem cozidos, **escorra-os e corte-lhes** os talos. (PE)

(21) **Aquecer** o óleo num tacho **Adicionar** a cenoura, alho, ramos de tomilho, cebola, pau de canela, ...(PE)

Quanto à concordância com o argumento interno plural ou composto, o"default" nas receitas portuguesas é usar concordância (ex.19 acima.), mas encontram-se, surpreendentemente casos sem concordância (ex 22):

(22) Depois da cebola corada **adiciona-se as folhas de beldroegas lavadas**, o louro, o pimentão e a cabeça de alhos inteiros que só se retira a pele (PE)

Ao contrário das receitas em PE, nas revistas brasileiras (*Gula, Globo Rural, Caras*) há uma esquiva total de construções com **se** e uma preferência categórica por imperativo. Em 58 receitas em diferentes tipos de revistas, 57 usaram o imperativo para indeterminar o sujeito (ex. 23) e apenas um caso de indicativo com modal (ex.24)[2].

(23) **Cozinhe e bata** bem o feijão (a consistência é importante: ele não pode ficar nem ralo nem grosso demais). **Pegue** uma panela de pressão e **cozinhe** a costelinha por 20 minutos (PB)

(24) Servidas como aperitivo, as ostras **devem ser mergulhadas** no molho na hora de comer. **Acompanha** vinho branco e pão de centeio com manteiga. (PB)

Nota-se, como nas receitas portuguesas, construções de passiva com **se**, com e sem concordância, esta última principalmente com argumento interno composto:

(25) **Junte-se** ainda toucinho, carne-do-sol, carne de porco e, se for possível, um osso de canela de boi, com bastante tutano. (PB)

---

[2] Exceção são os livros de cozinha, alguns dos quais aparecem com datas recentes, mas se observa, pela ortografia, que são livros antigos re-publicados sem editoração:

Uma análise preliminar do gênero "cartas de leitores", mostra que a estratégia ainda soberana de indeterminação são as construções com **se** nas duas variedades do português. Além disso, quando há argumento interno plural , há concordância tanto no PE quanto no PB.

(26) ...onde não é só a nossa vida que está em causa e em que **não se podem tomar** decisões unilaterais,... (PE)

(27) **Fazem-se necessários** alguns esclarecimentos sobre o governo do Rio de Janeiro nas informações publicadas por Época. (PB)

Mas o PB se vale de nomes nus no singular como argumento interno, o que o livra do problema da concordância.

(28) a. **Admite-se** estrangeiro

b. **Vende-se** livro usado (PB)

4. Generalizações empíricas

O estudo dos dados revelou que a variação de construções de indeterminação encontrada no *corpus* não é a mesma nas duas variedades do português. O PE usa as construções com **se** passivo indistintamente através das modalidades e dos gêneros, sugerindo que essas construções ainda fazem parte da gramática nuclear do falante português e não são determinadas pela prescrição gramatical. As construções com concordância co-existem, além disso, com as construções sem concordância. Já no PB, a variação é uma função da modalidade e do gênero. Assim, as entrevistas , que são mais próximas da modalidade oral, privilegiam sujeitos pessoais como "você" e "a gente" enquanto as cartas formais usam quase categoricamente o **se**, inclusive com concordância. As receitas, e provavelmente outros gêneros diretivos, fogem da construção com **se**, optando pelo imperativo. A ausência de construções com **se** nos gêneros mais próximos da oralidade e sua esquiva em escritas diretivas, sugerem que o falante do PB parece ter perdido a construção com **se** passivo, mantendo, apenas residualmente, o **se** impessoal. No estilo formal, contudo, o falante brasileiro vai buscar a construção passiva, mais conservadora. Tais formas podem ser consideradas fora do

domínio da gramática nuclear, com estatuto de morfologia estilística, marcadora de formalidade (Cf Kato 1999b)

4. Uma proposta de análise

Nesta secção iremos defender as seguintes idéias:

1. a perda do 'se' passivo com concordância em PB deve-se à perda do parâmetro do sujeito nulo – só as línguas românicas de SN evidenciam o 'se' passivo com concordância;
2. as construções com 'se' sem concordância em PB são potencialmente ambíguas entre um 'se' equivalente ao *on* do francês (nominativo e argumental Dobrovie-Sorin l998); e um 'se' equivalente ao 'se' passivo do Francês em que o sujeito é um expletivo (3ª pessoa). Como o PB ainda tem o expletivo nulo (Kato 1999a) e (ainda) um nulo argumental de terceira pessoa (Kato e Negrão 2000), ambas as construções são, em princípio superficialmente semelhantes;
3. a possibilidade de construções de sujeito nulo arbitário sem o "se" pode ser atribuída à perda em curso dos clíticos no PB (Tarallo 1983, Nunes 1990, Kato 1993 e Cyrino 1994);
4. a tendência para o preenchimento da posição do sujeito com um sujeito explícito manifesta-se de forma mais acentuada nos contextos em que Dobrovie-Sorin (l998) postula o 'se' nominativo, o que constitui evidência empírica em favor desta teoria.

4.1. Teoria do 'se' impessoal de Dobrovie-Sorin l998

Contrariamente a Cinque (l988), Dobrovie-Sorin (l998) defende que existem apenas dois tipos de 'se': um único 'se' nominativo e um único 'se' acusativo. Este último corresponde ao 'se' reflexo, médio, passivo e 'intrínseco'.

4.1.1. 'Se' acusativo

Dobrovie-Sorin (l988) faz uma proposta de análise unificada do 'se' reflexo, médio, passivo e 'intrínseco'. Em todos estes casos, 'se' é um clítico acusativo, o qual é uma

anáfora e um marcador morfológico de reflexividade. Os pressupostos teóricos de Doborovie-Sorin são os da teoria da reflexividade de Reinhardt e Reuland (l993), que define as condições A e B da teoria da ligação em função da noção de *predicado* r*eflexivo*. Operando no interior deste quadro teórico, Dobrovie-Sorin faz as seguintes propostas:

(i) o 'se' acusativo é um marcador morfológico de reflexividade;

(ii) uma frase que contenha um 'se' acusativo tem de ter a indexação que se segue, em que SN ocupa a posição de sujeito e *cv* é um objecto:

(29) $\mathbf{SN_i}$ se $\mathbf{cv_I}$

Um aspecto importante da teoria de Reinhardt e Reuland é a reformulação da *Chain Condition* de forma a englobar cadeias formadas por movimento do SN e cadeias anafóricas. Dobrovie-Sorin propõe que a configuração em (29) corresponde a dois tipos de cadeia. Quando temos duas cadeias triviais, isto é, dois argumentos, cada um com a sua função temática (cf. 30a), a interpretação daí resultante é a do 'se' reflexo. Quando temos um único argumento, temos uma cadeia formada por movimento (30b), a que correspondem o 'se' médio passivo, o 'se' ergativo e o 'se' intrínseco:

(30) a. $\mathbf{(SN_i)\ (}\boldsymbol{cv_i}\mathbf{)}$ → 'se' reflexo.

b. $\mathbf{(SN_i\ }\boldsymbol{cv_i}\mathbf{)}$ → 'se' 'médio-passivo', 'se' ergativo, 'se' intrínseco.

4.1.2. 'Se' nominativo

É sabido que o francês não emprega a forma 'se' em alguns dos contextos em que esta é permitida em italiano ou português. Nesses contextos, o francês usa a forma clítica *on*:

(31) Ontem chegou-se tarde.

(32) Hier, **on** est arrivé en retard.

A forma 'se' em (31) é conhecida na literatura pelo nome de *'se' nominativo*. De acordo com as análises anteriores a Dobrovie-Sorin, assumia-se que a inexistência do 'se' nominativo em francês estaria relacionada com o Parâmetro do Sujeito Nulo (Cinque l988). No entanto, Dobrovie-Sorin mostra que, em romeno, uma língua de sujeito nulo, a forma 'se' é impossível em exemplos comparáveis a (31). Os contextos em que o 'se'

não é atestado em romeno são os seguintes:(a) *construções adjectivais com cópula*; (b) *passiva verbal*; (c) *verbos transitivos com objecto expresso na forma* <u>*acusativa*;</u> (d) *verbos inacusativos.*

A não ocorrência da forma 'se' nestes contextos específicos em romeno leva Dobrovie-Sorin a propor que este emprego do 'se' está sujeito a variação paramétrica. Nos contextos mencionados, 'se' não é uma anáfora, mas antes um clítico nominativo, que está associado a uma *cv* na posição de sujeito. A sua existência numa língua é um fenômeno puramente lexical, podendo o clítico nominativo assumir diversas formas (*on* em francês ou *mann* em alemão). Como qualquer outro sujeito clítico, o 'se' nominativo precisa de ser identificado pelos traços de concordância verbal. Dobrovie-Sorin apresenta evidência independente em favor desta idéia: Em contextos do tipo Aux-to-Comp em italiano, as construções de (a) a (d) mencionadas no parágrafo anterior não são permitidas, embora todos os outros tipos de 'se' (acusativo) sejam possíveis, o que confirma a hipótese de que os contextos indicados formam duas classes naturais.

4.1.3. Concordância *vs*. não concordância com o objecto

Em línguas de sujeito nulo que têm ambos os tipos de 'se', nominativo e acusativo, existem dois padrões com verbos transitivos: o 'se' com concordância e o 'se' sem concordância. Dobrovie-Sorin apresenta argumentos sólidos em favor da idéia de que o primeiro é o se 'médio-passivo' (portanto, o 'se' acusativo) e o segundo é o 'se' nominativo. Um dos seus argumentos baseia-se na observação de que, em italiano, em contextos de infinitivo (Aux-to-Comp), apenas o 'se' com concordância é atestado. Visto que apenas o 'se' acusativo é permitido em contextos do tipo Aux-to-Comp, conclui-se que o 'se' com concordância é o 'se' acusativo.

4.1.4. Se' passivo:

Concentremo-nos agora no 'se' passivo (acusativo) em francês e nas restantes línguas românicas de sujeito nulo. Vimos na seção anterior que o 'se' passivo do italiano corresponde ao 'se' com concordância.

(33) Traduziram-se três romances

Este tipo de 'se' é atestado em todas as línguas de sujeito nulo, incluindo o romeno. Numa língua sem sujeito nulo como o francês, o 'se' passivo ocorre em construções com um expletivo em posição de sujeito. A flexão verbal concorda com este:

(34) Il s'est traduit trois romans.

Estas diferencas devem-se ao Parâmetro do Sujeito Nulo. O argumento interno 'três romances' no exemplo (33) é um sujeito pós-verbal, que partilha os traços *phi* com a concordância verbal.

(35) $[_{IP}$traduzira-$\mathbf{m_i}$ se$[_{VP}$ [três romances$]_{\mathbf{I}}$]]

No caso de uma língua sem sujeito nulo como o francês, tal configuração não é possível, pois o EPP precisa de ser verificado na sintaxe. Daí a inserção do expletivo, que é o elemento que controla a concordância verbal:

(36) $[_{IP}$ Il$_{\mathbf{k}}$ [s'est $[_{VP}$ traduit [trois romans$]_i$]]

Dobrovie- Sorin propõe que, em ambos os casos, há elevação em FL do SN em posição pós-verbal (cf. a regra de 'substituição do expletivo' de Chomsky l993):

(37) [SN$_I$ [t$_I$]]

5. Conseqüências para o PB

Regressando agora aos dados do PB, estamos em condições de concluir o seguinte. A perda do 'se' com concordância relaciona-se com a perda das propriedades associadas ao Parâmetro do Sujeito Nulo do tipo do italiano: o PB perdeu a 'inversão livre' (Duarte l995, Kato l999). Por outro lado, apesar de o PB não permitir a 'inversão livre', ainda retém o nulo de 3ª pessoa (expletivo e quase-argumental) e um nulo 'referencial' anafórico (Kato l999); sendo assim, uma frase com o 'se' sem concordância como (38)

(38) Se vende casas.

pode ter duas representações sintáticas. Uma delas é a do 'se' passivo (acusativo, anafórico), em que o nulo identificado pela concordância de terceira pessoa é um expletivo, que virá a ser substituído em FL pelo argumento interno 'casas'

(39) [**cv** [se vende-$ø_k$] [$_{SV}$ [casas]$_i$] <u>**cv** =expletivo; 'se' = anáfora</u>

A outra representação é a do 'se' nominativo. Visto que o PB partilha com o PE a possibilidade (lexical) de ter um clítico 'se' nominativo, e ainda retém um nulo argumental de terceira pessoa, nada impede esta pessoa gramatical de identificar o clítico nominativo 'se'.

(40)[$_{IP}$ [se$_i$ vende$_i$ [$_{SV}$ cv$_i$ [casas]]] <u>**cv**=argumento; 'se' não é uma anáfora</u>

6. Predições

Vimos acima que o PB coloquial tende a evitar o 'se', suprimindo-o em muitos casos. Esta perda foi atribuída à perda em curso dos clíticos em PB. Por outro lado, há uma forte tendência para usar formas pronominais em substituição do 'se' indeterminado. Esta tendência tem sido atribuída à perda da Propriedade do Sujeito Nulo (Duarte l995, Kato l999). Neste quadro, a teoria de Dobrovie-Sorin prediz que os dois tipos de 'se', o nominativo e o acusativo, possam estar sendo afetados de forma diferente neste período de transição da língua. Em particular, prevê-se que a perda do 'se' passivo não obrigue necessariamente ao preenchimento da posição do sujeito, visto que essa posição é uma posição não temática e o PB tem um expletivo nulo. Com efeito, o 'se' passivo pode ser omitido:

(41) Conserta sapato.

No caso do 'se' nominativo, estamos perante um clítico sujeito, argumental; logo, prediz-se que este morfema não possa ser omitido ou, numa língua em mudança como o PB, tenda a ser substituído por outra forma pronominal nominativa, como *a gente*, *você*, etc. Com efeito, é isso que acontece precisamente nos contextos previstos pela teoria de Dobrovie-Sorin: de acordo com as intuições dos falantes, não é possível omitir a forma 'se' nas construções que envolvem o 'se' nominativo, argumental. i. e., com a cópula e predicadores adjectivais, com a passiva verbal e com verbos inacusativos.

(42) *Não é mais feliz aqui.

(43) *É freqüentemente traído por falsos amigos.

(44) *Chegou tarde.

Referências

BARBOSA, Pilar, KATO, Mary & DUARTE, M. Eugenia (2000**)** A Distribuição do Sujeito Nulo no Português Europeu e no Português Brasileiro. Comunicação apresentada no XVI Congresso da Associação Portuguesa de Lingüística. Coimbra, Portugal.

CAVALCANTE, Sílvia R. (1999) *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca nos séculos XIX e XX.* Dissertação de mestrado, UFRJ.

CHOMSKY, N. l995. *The Minimalist Program*.. Cambridge, Mass: The MIT Press.

CINQUE, Guglielmo. 1988. On *si* constructions and the theory of *arb*. *Linguistic Inquiry* 19:521-581.

CYRINO, Sônia M.L. (1994) *O Objeto Nulo no Português Brasileiro: um estudo diacrônico.* UNICAMP: Tese de doutorado.

DOBROVIE-SORIN, Carmen (l998) "Impersonal SE constructions in Romance", Linguistic Inquiry 29, 399-437.

DUARTE, M. Eugênia L. (1995). *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas, SP

DUARTE, M. Eugênia L. (2000) The loss of the Avoild Pronoun Principle in Brazilian Portuguese. In: M. A.Kato & E. Negrão (orgs.) Brazilian Portuguese an the Null Subject. Frankfurt am Main: Vervuert. 17-36.

GALVES, Charlotte C. (1987). A Sintaxe do Português Brasileiro. *Ensaios de Lingüística*, 13. 31-50.

KATO, Mary A. (1993) The distribution of null and pronominal objects in Brazilian Portuguese. In: W,Ashby et alii (orgs) *Linguistic Perspectives on Romance Languages: Selected papers from the XXI LSRL.* Philadelphia: John Benjamins..225-235

KATO, Mary A.(1999a.) Strong and weak pronominals and the null subject parameter. *Probus*, 11: 1-37.

_____________ (199b)Aquisição e aprendizagem: de um saber inconsciente para um saber metalingüístico. In: Loni Grim-Cabral e J Moraes (orgs) *Investigações `a*

Linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral. Florianópolis: Editora Mulher. 201-225

______________ & TARALLO, Fernando. (1986). Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalan (eds.) *Studies in Romance Linguistics.* Dordrecht: Foris. 343-358.

______________ & Esmeralda V. NEGRÃO (2000) *The Null Subject Parameter in Brazilian Portuguese.* Frankfurt: Vervuert-Ibero-Americana

NUNES, Jairo M. (1990). *O Famigerado SE : uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Dissertação de mestrado, UNICAMP.

NUNES, Jairo M. (1995) Ainda o famigerado *se* . *D.E.L.T.A.* 11,2: 201-240.

REINHARDT, Tanya & REULAND , Eric. (1993. Reflexivity. *Linguistic Inquiry,* 24: 657-720.

TARALLO, Fernando (1983) *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese.* Tese de doutorado, Universidade da Pensilvânia.